



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9730 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

GÊNERO E FEMINISMOS NO CURRÍCULO: ALGUNS ENQUADRAMENTOS EM ARTES VISUAIS

Viviane Viana de Souza - COLÉGIO PEDRO II E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

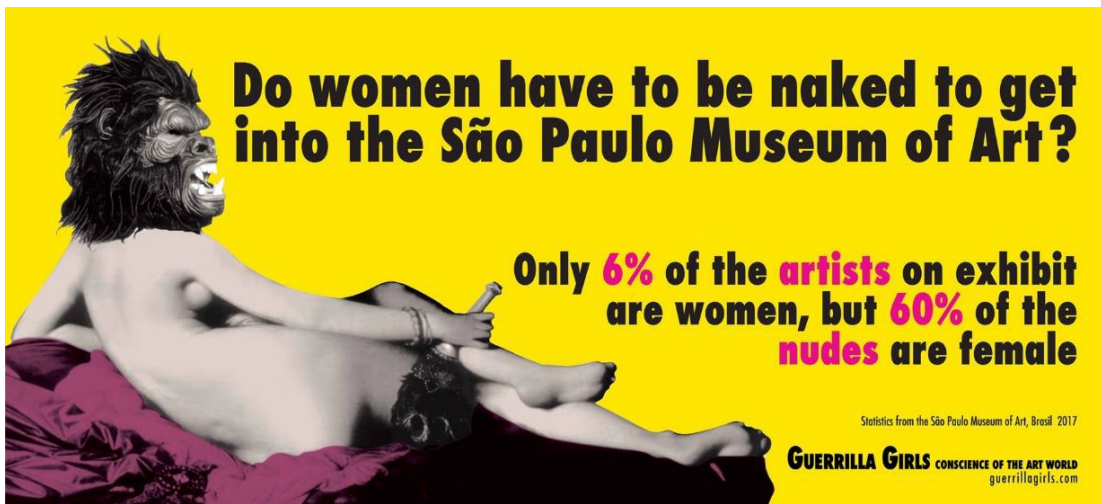
GÊNERO E FEMINISMOS NO CURRÍCULO: ALGUNS ENQUADRAMENTOS EM ARTES VISUAIS

RESUMO: Este trabalho pretende trazer reflexões entre as interrelações entre gênero, feminismos, currículo e Artes Visuais. Partindo do conceito de enquadramento de Judith Butler, o texto pretende tensionar atravessamentos possíveis de gênero e feminismos tendo como ponto de partida o currículo em Artes Visuais, de tradição eurocêntrica e historicista, entendendo a visualidade como discursiva e interpelativa. Defendo que a curadoria exercida por professoras em Aulas de Artes Visuais pode evidenciar visualidades dissidentes e possíveis rotas de fuga frente a entendimentos normativos hegemônicos no currículo.

Palavras-chave: Currículo; Enquadramento; Gênero e feminismos; Artes Visuais

“*As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?*”, perguntaram o coletivo Guerrilla Girls¹ em 2017 sobre a presença de artistas no acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Linda Nochlin quase 50 anos antes indaga em seu artigo “*Porque não houve grandes artistas mulheres?*”². Neste trabalho pretendo refletir, em diálogo com esses e alguns tantos outros questionamentos acerca dos atravessamentos possíveis de gênero e feminismos, tendo como ponto de partida o currículo em Artes Visuais, de tradição eurocêntrica e historicista, entendendo a visualidade como discursiva e interpelativa. Dialogando com o conceito de enquadramento de Judith Butler (2019), e também com os conceitos de saberes sujeitados de Michel Foucault (2005) e saberes localizados de Donna Haraway (2009), proponho pensar e ler as visualidades dissidentes como desestabilizações e rotas de fuga frente a entendimentos normativos limitantes no currículo no recorte disciplinar compreendido como Artes Visuais. E para tal, convido a quem me lê tomar a imagem como integrante do texto, ou de forma mais abrangente, também como discurso.

Imagem 1. As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?



Autoria: Guerrilla Girls (2017). Cartaz, Impressão digital sobre papel, dimensões 32 x 73 cm. Fotografia: Guerrilla Girls. Acervo MASP.

“Artista” e “Arte”, são substantivos femininos na Língua Portuguesa. Contudo, ao nos perguntarmos sobre a primeira referência quando falamos de “artista”, provavelmente virá à memória um artista homem, e com grandes chances de o visualizarmos branco, europeu, cisgênero, heterossexual. No exercício de fazer pesquisa em currículo enquanto mulher, feminista e professora, tenho me interessado pelas inquietações que me interpelam lecionando Artes Visuais, visto que, como afirma Ana Mae Barbosa (2012), se mostra necessário pensar em a Arte como campo epistemológico, e questionar sua hegemônica pretensão ocidental universalista da historiografia, que postulava até inícios do século XX um cânone muito estreito delimitando as fronteiras do que poderia ou não ser considerado Arte, e por conseguinte nas discussões educacionais, do que poderia ser lido como currículo em Artes Visuais.

Sigo pensando o currículo a partir da chave pós-estrutural, como prática de significação, sempre de forma aberta e multifacetada (LOPES; MACEDO, 2011) nas significações que produz e nas seleções e exclusões que opera. O currículo como uma prática discursiva, é também uma operação de poder (p. 41), e como tal, vai também criando sentidos hegemônicos na subjetivação e nas práticas sociais. Em diálogo com o conceito de fala localizada (HARAWAY, 1995) suscitando questionamentos pertinentes para pensar quais são as histórias institucionais de sujeição e subjetivação que nos “posicionam” (BUTLER, 2013) enquanto professoras, artistas, mulheres, quais contínuos processos de exclusão e reiteração estão implicados nessa localização. Quanto a perspectiva parcial de mulher professora imersa em uma matriz cisheteronormativa, Butler me faz pensar que:

[...] as normas de gênero mediante as quais compreendo a mim mesma e a minha capacidade de sobrevivência não são estipuladas unicamente por mim, já estou nas mãos do outro quando tento avaliar quem sou, já estou me opondo ao mundo que nunca escolhi quando exerço minha agência. (2019, p. 85).

Assim, se faz necessário apontar que tomo as leituras de mulher (e as de artista e professora também, em certa medida), não dada *a priori*, mas que existe de modo relacional e contingente como efeito da reiteração dos atravessamentos e afetamentos, que nos constituem. Para Donna Haraway:

Algumas de nós tentamos manter a sanidade nesses tempos fraturados e fraturantes mantendo uma versão feminista da objetividade. Aqui, motivado por muitos dos mesmos desejos políticos, está o outro pólo sedutor do dúbio problema da objetividade. (2009, p. 13-14).

Desejo nesse texto fraturar a tentativa de circunscrever os atravessamentos identitários de mulheres, professoras e artistas enunciados no título do projeto, como identidades passíveis de serem categorizadas e apreendidas e, portanto, a partir de um certo desejo de objetividade, na busca por borrar qualquer imagem (de identidade, de currículo e de pesquisa) que teime em surgir *a priori*. Na elaboração da performatividade corporificada e plural de Judith Butler (2018), as inscrições e interpelações do outro, não só nos produzem, mas também informam os modos vividos de corporificação das atribuições de gênero, uma fantasia ao mesmo tempo formada pelos outros e parte da nossa formação, e é nessa constituição relacional discursiva, mas também corporificada, que vamos nos constituindo enquanto sujeitos generificados.

Então, enquadramentos que seguem operando significações que se pretendem totalizantes do que currículo, do que é Arte e do que é artista, estão envolvidas também nos processos de subjetivação na escola. Ao enquadrar a arte com A maiúsculo (branca, europeia e masculina) recaímos no perigo da história única, como alerta Chimamanda Adichie (2019), e me valho também do conceito de saberes sujeitados de Foucault (1999) para pensar nos discursos que operam a seleção do que adentra o rol de Artes Visuais no currículo, na contínua expulsão dos saberes sujeitados frente à Arte hegemônica e às normativas escolares. A elaboração de Butler (2019) sobre os enquadramentos e a análise sobre a fotografia contribui ao considerar as imagens como discursos que não estão à espera de serem interpretadas, mas elas mesmas seguem ativamente, por vezes forçosamente, interpretando o mundo (BUTLER, 2019), imagens e mídias como material da autoconstituição, no lugar da luta hegemônica sobre quem somos nós (BUTLER, 2018).

Tomar a imagem e seu caráter ativo e produtivo como discursivos é entendê-la como envolvida nos processos de subjetivação na escola e na vida social, que vão constituindo os campos de possibilidades e subjetivação, enquadramentos que se apresentam como verdade, o alcance do que será percebido como realidade, perfazendo, de certo modo, a tarefa de compreender a operação de uma norma que circunscreve uma realidade cujo funcionamento se dá pelo próprio enquadramento (BUTLER, 2019, p.127), marcando seu excedente como ininteligível e irreconhecível. Portanto, defendo que o processo de curadoria docente no contínuo selecionar/excluir imagens, obras, artistas e demais manifestações visuais está escrito em certos enquadramentos que vão inscrevendo nos corpos (docentes e discentes) o gênero e a sexualidade lidos como legítimos (LOURO, 2018) e esperados na escola.

Mas a reiteração dos enquadramentos normativos em si é previsível e fechada, como nos alerta Butler (2019): “*A produção normativa do sujeito é um processo de iterabilidade - a norma é repetida e, nesse sentido, está constantemente ‘rompendo’ com os contextos delimitados como as ‘condições de produção’*” (p. 237), e no próprio agir da norma, no próprio enquadrar, vai produzindo excessos imprevisíveis. Quais desestabilizações visualidades e artistas dissidentes podem criar ao estarem no currículo, que possibilidades de desvios e rotas de fuga imprevistas e improváveis podem suscitar? Quando o enquadramento de artista, o que tomamos como verdade e como totalidade das existências, no pretenso universalismo do plural masculino, nos remetem ao artista homem e à mulher-objeto que precisa estar nua para entrar no museu, abordar o excedente, trabalhar com a mulher artista, o corpo agente e insurgente, com a própria incerteza viva da Arte Contemporânea que subverte as delimitações da vida e da Arte, é também rasurar os enquadramentos normativos em educação e ampliar um pouco mais os horizontes dos nossos enquadramentos, e em instâncias mais radicais, subvertê-los e rasurá-los. Para Foucault:

Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados não legitimados, contra a instancia teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência

que seria possuída por alguns. (2005, p. 13)

Finalizo esse texto e esse recorte de questões para tensionar os atravessamentos possíveis de gênero e feminismos tendo como ponto de partida o currículo em Artes Visuais, com a questão do reconhecimento trazida por Macedo (2017) e Butler (2018), e a necessidade de pensar as relações de poder, considerar os arranjos normativos que nos produzem como sujeito “viável”. Colocar em questão o que é reconhecível como possível na escola, o que é reconhecido como currículo e como conhecimento em Artes Visuais. Para além de tentar expandir a área do reconhecível para existências outras, mas deter-se sobre os próprios processos normativos do que é reconhecível. Para Butler: “*Perguntar como essas normas são instaladas e normalizadas é o começo do processo de não tomar a norma como algo certo, de não deixar de perguntar como ela foi instalada e representada, e à custa de quem*” (2018, p. 45-46). Estranhando como esses processos me inscrevem como professora feminista e de que modo as disputas de sentidos nas aulas de Artes Visuais podem ir alargando e rasurando essas normas, entendendo que nós, ao agirmos nos termos do reconhecimento, também produzimos efeitos nem sempre previstos. Acredito que na relação em sala de aula, entre nós e através/com/a partir das visualidades, podemos produzir fissuras para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de re/des/enquadrar um futuro mais vivível.

Notas:

¹ As Guerrilla Girls definem-se como um grupo de ativistas feministas, anônimas, que usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na Arte, no cinema e na cultura pop. Em 2017, na ocasião da exposição retrospectiva realizada no MASP (Museu de Arte de São Paulo), recriaram seu famoso cartaz: “*As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?*” (1989) para o museu brasileiro: “*As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?*” (2017).

² Artigo que inaugura um recorte de gênero, até então um enfoque contextual mais visto nas Ciências Sociais, para a História e Historiografia da Arte.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Ana Mae T. B.. **A imagem no ensino da Arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos; 126/dirigida por J.Guinsburg).

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Trad. de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 6^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. trad. Fernanda Miguens; ver. Técnica Carla Rodrigues. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: Cadernos Pagu, v. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: . Acesso em: 27 maio 2021.

LOPES, Alice C; MACEDO, Elizabeth F. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio Faperj.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACEDO, Elizabeth F. Mas a escola não tem que ensinar? In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 3, p. 539-554; 2017. Disponível em: . Acesso em: 27 maio 2021.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes artistas mulheres?** Tradução autorizada pela autora. São Paulo, 2016. Disponível em: . Acesso em: 28 maio 2021.